



# O *Conto da Aia*, de Margaret Atwood, e sua representatividade nos dias atuais: as inter-relações históricas, sociais e culturais de um romance distópico

**Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* and its representation today: the historical, social, and cultural interrelationships of a dystopian novel**

**Solange da Silva Corsi\***  
Instituto Federal Goiano  
**Lara Fernanda Portilho dos Santos\*\***  
Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Aripuanã (MT)  
**Maria Eduarda Arriel de Melo\*\*\***  
Universidade Federal de Goiás

\*Professora doutora do Instituto Federal Goiano-Campus Ceres. E-mail: [solange.corsi@ifgoiano.edu.br](mailto:solange.corsi@ifgoiano.edu.br)

\*\*Professora doutoranda da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Aripuanã (MT); E mail.: [larafportilho@gmail.com](mailto:larafportilho@gmail.com)

\*\*\*Aluna de graduação do curso de Letras Modernas UFG. E-mail: [maduaarriel@gmail.com](mailto:maduaarriel@gmail.com)

**RESUMO:** O presente estudo visa analisar, sob uma perspectiva histórica, social e cultural, o romance literário *O Conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood, publicado em 1985, mas que ecoa grande representatividade nos dias atuais. Assim, o objetivo do artigo é investigar a forma como essa respeitável autora expressa em sua obra a perda da identidade e representatividade feminina, em um regime totalitário fundamentalista cristão, que derrubou o governo dos Estados Unidos, na década de 1980, modificando completamente toda a estrutura política, econômica e social desse país. A pesquisa pretende averiguar, então, a relevância dessa produção literária de Atwood, como forma de denúncia e combate à discriminação de gênero, que faz calar a voz e a atitude das mulheres. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, em que os relatos feitos pela escritora, em sua obra, bem como na série televisiva, de mesmo nome, são analisados sob a luz da teoria dos escritos de Candido (1972), Llosa (2009), Foucault (1988, 2003, 2013), Beauvoir (1970), entre outros estudiosos. Os resultados obtidos da análise, apontam para a eficácia da literatura distópica, ao apresentar cenários imaginários que estabelecem inter-relações com a realidade atual, trazendo uma visão mais reflexiva sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Anulação da mulher. *O Conto da Aia*. Margaret Atwood.

**ABSTRACT:**

The present study aims to analyze, from a historical, social and cultural perspective, the literary novel *O Conto da Aia*, by Canadian writer Margaret Atwood, published in 1985, but which echoes great representation today. Thus, the aim of the article is to investigate how this respectable writer expresses in her work the loss of female identity and representation, in a totalitarian Christian fundamentalist regime, which overthrew the United States government in the 1980s, completely changing the whole political, economic and social structure of that country. The research intends to investigate, then, the relevance of this literary production written by Atwood, as a way of denouncing and combating gender discrimination, which silences the voice and attitude of women. It is, therefore, a bibliographical research, in which the reports made by the writer, in her work, as well as in the television series of the same name, are analyzed under the light of the theory of the writings of Candido (1972), Llosa (2009), Foucault (1988, 2003, 2013), Beauvoir (1970), among other scholars. The results obtained from the analysis point to the effectiveness of dystopian literature, by presenting imaginary scenarios that establish interrelationships with current reality, bringing a more reflective view on the role of women in contemporary society.

CORSI, Solange da Silva; DOS SANTOS, Lara Fernanda Portilho; DE MELO, Maraia Eduarda Arriel. *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, e sua representatividade nos dias atuais: as inter-relações históricas, sociais e culturais de um romance distópico. *Légua & Meia*, Brasil, n.13, v. 1, p. 151-, 2021.

## INTRODUÇÃO

O romance *O Conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood, publicado em 1985, retrata a anulação da representatividade feminina numa sociedade tomada por um regime totalitário fundamentalista cristão, bastante conservador e retrógrado, que derrubou o governo dos Estados Unidos da América, na década de 1980, modificando completamente toda a estrutura política, econômica e social desse país. A obra, então, apresenta grande atualidade e atemporalidade, o que têm instigado inúmeros estudos, nas últimas décadas, tanto no campo da literatura como nas ciências humanas.

O sucesso estrondoso do livro repercutiu também nas telas, sendo a trama adaptada para seriado televisivo. Assim, surge *The Handmaid's Tale*, produzida pelo canal de entretenimento Hulu, e exibida no Brasil pela Globo Play. A série iniciou sua primeira temporada em 2017, estrelando, nos dois anos seguintes, a segunda e terceira temporadas, respectivamente, sendo a quarta confirmada para estreia em 2021.

Assim, este artigo tem como objetivo geral analisar o respectivo romance sob uma perspectiva social, histórica e cultural. Como referencial teórico, são utilizados os princípios teóricos de Candido (1972), Llosa (2009), Foucault (1988, 2003, 2013), Beauvoir (1970), entre outros. Trata-se, pois, de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a qual se desenvolve “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44), visando trazer novas contribuições aos grandes temas existentes no campo da literatura, investigando, desse modo, a relevância dessa produção literária de Atwood, como forma de denúncia contra as mazelas sociais e combate à discriminação de gênero, que faz calar a voz e a atitude das mulheres.

### **A obra literária de Atwood como ferramenta de denúncia social**

Conhecer um romance literário distópico, escrito há 35 anos, mas que apresenta vários aspectos que reverberam nos dias atuais, é uma experiência bastante enriquecedora, do ponto de vista histórico, social e cultural. Por isso, obras literárias como essa devem ser estudadas e divulgadas amplamente, a todas as camadas da sociedade, como forma de conscientização, proporcionando ao leitor uma transformação interior, tal como propõe Perissé (2006). Justifica-se, assim, a importância da literatura

para a formação humana dos cidadãos, que têm a chance de desenvolverem mais o pensamento crítico-reflexivo.

Desde os primórdios, nota-se que a ficção desempenha um grande papel na formação do leitor, que além da sua utilização como instrumento de comunicação, a utiliza como uma rede de experiências trocadas, através da imersão no meio fictício. Conforme dito por Mario Vargas Llosa (2009), a ficção leva o leitor a perceber que o mundo se acha mal-acabado, e que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra podem inventar. Assim, o leitor, ao ser moldado por suas leituras, atenta-se para as semelhanças entre vida real e ficção, entrando em uma comoção social, individual ou coletiva, criando senso crítico e indo em busca de formas para aplacar os fatos descobertos nas páginas, e que se assemelham ao contexto fora da órbita imaginária.

Nesse sentido, a história entra compartilhando espaço com a literatura, conforme defende Grecco (2014), pois ambas contribuem para a formação da identidade do indivíduo em sociedade, mostrando-lhe diversificadas leituras, que trazem a compreensão sensível do ambiente social onde ele está inserido. Em virtude disso, essas duas grandes áreas “têm igualmente por efeito socializar os indivíduos, criando as condições simbólicas de coesão social” (PESAVENTO, 1998, p. 14).

Nesse viés, está ligado o conceito de representação, que para o sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) é entendido como categoria de pensamento, por meio da qual determinada sociedade constrói e expressa sua realidade. Assim, fica entendida a relevância da literatura na construção de memórias sociais, que estão levemente inclinadas à realidade e que tão bem vários escritores souberam mostrar em suas obras.

Margaret Atwood soube com maestria trilhar esse caminho, por meio de seus escritos. A renomada escritora canadense, nascida em 1939, em Otawa, conta, no auge de seus 80 anos, com mais de quarenta livros publicados. Transitando talentosamente por diversificados gêneros, publicou com louvor obras como *Senhora do Oráculo* (1976), *A Vida Antes do Homem* (1979), *Lesão Corporal* (1981), *Olho de Gato* (1988), *A Noiva Ladra* (1993), *Vulgo Grace* (1996), que foi adaptada para uma série televisiva, transmitida pela Netflix como *Alias Grace*, *O Assassino Cego* (2000), *Oryx e Crake* (2003), *A Odisséia de Penélope* (2005), *O Ano do Dilúvio* (2009), entre outros sucessos. Sua obra mais recente, *Os Testamentos* (2019), é a continuação de *O Conto da Aia*.

Durante sua carreira, recebeu vários prêmios literários, como o *Arthur C. Clarke*, o *Booker Prize*, o *Governador General's Award*, o *Giller Prize*, além do prêmio para Excelência Literária do *Sunday Times* (Reino Unido). Conquistou também a Medalha de Honra para Literatura, do *National Arts Clube* (EUA), e o título de Chevalier de *I'Ordre des Artes e des Lettres* (França), sendo a primeira vencedora do Prêmio Literário de Londres.

Sua obra de maior aclamação, e objeto dessa análise, *O Conto da Aia*, é concebida como uma ficção especulativa, gênero literário que tem o sentido de “propiciar lugares imaginários nos quais são possíveis vislumbrar mundos engendrados alternativamente” (LINS, 2015, p.11), sendo reconhecida mundialmente por ser um marco atemporal sobre a condição da mulher em uma sociedade patriarcal, que perde seus costumes cotidianos para dar espaço a hábitos de uma nação conservadora. Na trama, por meio de sua personagem Offred, a autora traz a visão de uma sociedade radicalmente anulada, por uma revolução teocrática do século XX, na qual, em um novo cenário, as mulheres tornam-se propriedades do governo e passam a pertencer a diferentes “castas”, perdendo a maioria de seus direitos básicos e sendo arrancadas da antiga ordem social que conheciam.

Em um cenário inóspito, quebrado por catástrofes ambientais e radioativas, alta circulação de doenças sexualmente transmissíveis e baixa taxa de natalidade, se inicia uma guerra, na qual os Estados Unidos é tomado, para ser transformado na República de Gilead. As mulheres que ainda podem gerar filhos são, então, recrutadas para que exerçam a função de “aias”, com o intuito de procriar para seus Comandantes, a fim de reacender a taxa de natalidade do país, que se encontra quase nula.

Durante o enredo, é possível perceber a sagacidade da autora, ao denunciar diversas críticas sociais em sua obra, chegando a afirmar, em uma aula de escrita *online*, disponibilizada no YouTube, pelo canal *The Handmaid's Tale Brasil* (2019), que “nada entrou no livro que não tivesse acontecido na vida real, em algum lugar e algum momento”. Percebe-se, então, que Atwood coaduna com os preceitos difundidos pelo crítico literário Candido (1972), que coloca a literatura como exercente de um importante papel sobre a realidade social e humana. Assim, inspirando-se na vida real, a autora, em seu romance, faz com que o leitor tenha um maior contato com situações que

se encontram fora de sua zona de conforto, adquirindo uma compreensão mais ampliada sobre as mazelas existentes na sociedade em que vive.

### **Gilead: a ascensão de um regime totalitário em função de impasses sociais**

Como posto por Candido (1972), a literatura exerce um papel humanizador, refletindo mazelas da sociedade, por meio de narrações de diversos personagens. Assim, *O Conto da Aia* traz a visão interna de uma sociedade que sofre uma reorganização na ordem social, com intuito de promover a resolução de impasses, em um mundo situado no futuro próximo. Assim, a obra de Atwood encaixa-se na categoria literária tida como distópica, haja vista que essa classificação abrange histórias com lugares hipotéticos, geralmente à frente do tempo que vivenciamos, onde se vive sob sistemas opressores e/ou autoritários, como é o caso da República de Gilead, trazida pela autora como cenário dos acontecimentos.

Na trama, os Estados Unidos lidavam com diversos problemas em seu território, os quais desencadearam na redução da população saudável. Em um dos fragmentos do livro, se faz menção à “explosão de usinas de energia atômica, ao longo da falha de San Andreas durante terremotos, e a cepa mutante de sífilis” (ATWOOD, 2017, p.137) a qual levou à redução drástica do “coeficiente de natalidade por mil, ao longo de anos e anos: uma encosta escorregadia, descendo além da linha do zero de reposição, cada vez mais para baixo” (ATWOOD, 2017, p.138), o que é resultante da diminuição da fertilidade de indivíduos adultos, ao serem expostos a essas condições indissolúveis.

Em meio a essas limitações, acompanhamos a ascensão ao poder dos Filhos de Jacó, um grupo fundamentalista cristão que, ao metralhar o congresso e matar o presidente, transforma os EUA na totalitária República de Gilead, fazendo uso do antigo testamento para justificar a nova organização e os deveres impostos aos indivíduos, que objetivam o reerguimento da natalidade no país, induzindo o aumento de gravidezes de forma “pura”, segundo os preceitos teocráticos. Para isso, a história contada segue a fundamentação religiosa, tendo como base trechos da Bíblia, como “frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra.” (ATWOOD, 2017, p.109).

Nessa ficção, considerando todo o contexto, para cumprir o preceito imposto e gerar crianças, faz-se necessário um bem precioso e escasso em Gilead: mulheres

férteis. Por isso, o público feminino é reorganizado em castas, conforme o que podem oferecer ao sistema. Em posição superior, estão as Esposas, companheiras dos homens que exercem o poder, mas que majoritariamente são inférteis. Há também as Marthas, empregadas da casa, e as Econoesposas, que são destinadas aos homens mais pobres e cuidam de seus lares. Ainda há as Não-Mulheres, aquelas que pecaram contra o regime ou são inférteis e não se enquadram em nenhuma categoria, sendo enviadas às Colônias, por não terem “utilidade” para Gilead. As Jezebéis, por sua vez, também não se encaixam em nenhuma casta, pois escolheram viver uma espécie de prostíbulo ilegal, frequentado pelos Comandantes. Já as aias são a parte essencial do projeto de Gilead. Correspondem à pequena parcela de mulheres férteis, que pecaram em seu passado contra alguma regra do atual regime, o que as impossibilita de ocupar castas superiores. Elas são consideradas propriedades do governo, sendo levadas aos chamados “centros vermelhos”, onde aprendem a se comportar e a obedecer integralmente a seu Comandante e a sua Esposa.

Por fim, as Tias, mulheres inférteis e de maior idade, são as representantes da autoridade máxima feminina de Gilead. A elas lhes são permitidas as práticas de leitura e escrita, para que assim possam educar e domesticar as aias, dentro dos princípios bíblicos, da maneira mais cruel possível, caso seja necessário. Por isso, essas senhoras são tão temidas, por terem nas mãos o poder controlador, que impõe às futuras servas novas regras a serem seguidas. Qualquer delito cometido por elas deve ser, então, corrigido, resultando em fortes punições. Em casos de desobediência, “era nos pés que batiam, usando cabos de fios de aço com pontas retorcidas” (ATWOOD, 2017, p.112).

Como bem afirma Foucault (1988, p.134), “um poder como esse, que tem como tarefa principal a garantia da vida, terá sempre a necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos”. Nesse sentido, nota-se como Gilead impunha sobre as aias fortes punições reguladoras, que serviam para docilizá-las, de forma que o machucado não impedisse o processo reprodutivo. Conforme dito por tia Lydia, “para nossos objetivos, seus pés e suas mãos não são essenciais” (ATWOOD, 2017, p.112).

Nesse viés, a protagonista da trama, Offred, é uma serva na República de Gilead, que foi separada de sua família e colocada como aia para gerar uma criança ao casal, formado pelo Comandante de alto escalão, Fred, e sua esposa, Serena Joy, por meio de

um ritual mensal, denominado “Cerimônia”, que ocorria sempre no período de ovulação da serva. Assim, sobre os joelhos da esposa, a aia recebe a penetração do Comandante, sem poder esboçar nenhuma expressão sexual que denunciasse prazer. O acontecimento é, na verdade, uma grande violação do corpo feminino, tida como natural pelo preceito da sociedade gileadeana, pois o ato é uma interpretação bíblica literal de uma passagem do Antigo Testamento, a qual serve de norte para toda a trama, e faz parte da epígrafe do livro.

Vê-se, então, nesse sistema organizacional de castas e de alto controle, a aplicabilidade do conceito de biopolítica. Para Foucault (1988), o poder estabelece regulamentações sobre os processos biológicos, relacionados ao homem-espécie. Pode-se perceber isso na conjuntura de Gilead, em que a política autoritária segrega as mulheres conforme o que biologicamente elas podem oferecer, separando-as entre as que são capazes de gerar filhos, e descartando as que não servem para esse propósito. Assim, observa-se que a condição biológica feminina, dentro da República, é o elemento fundamental, considerado pelos idealizadores do novo regime, para que os objetivos, quanto à reprodução de crianças, sejam atingidos.

### **O feminino e a perda de direitos: inter-relações histórico-sociais com os dias atuais**

Na obra literária analisada, o primeiro ato do grupo Filhos de Jacó, ao transformarem os EUA na totalitária república de Gilead, foi a retirada dos direitos femininos. Conforme defendido por Beauvoir (1970, p. 14), homens e mulheres nunca partilharam igualdade de condições e, “mesmo quando os direitos femininos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta”. Dessa forma, os direitos das mulheres tornam-se abstratos, passíveis de revogação, quando um costume habitual é imposto sobre, assim como acontece em Gilead, onde a instauração de ideologias religiosas corrobora para a perda de direitos sociais da parcela feminina.

Em consonância a isso, destaca-se, durante toda a narrativa distópica, a perda do direito ao próprio corpo, uma vez que as mulheres, tornadas aias, o tem para uso exclusivo do governo, para exercerem a função de procriar. A mulher é vista, então,

como um mero objeto, um “útero de duas pernas” (ATWOOD, 2017, p. 165), e sua capacidade intelectual e todo o resto, é descartada, tida como sem utilidade. Salienta-se isso quando Offred desabafa: “Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes.” (ATWOOD, 2017, p. 118). Desse modo, fica evidente, em toda a história, o quanto a mulher é utilizada somente para fins reprodutivos, tendo sua importância, no contexto social, dada apenas por ser uma procriadora. Neste contexto, percebe-se o quanto a obra de Atwood se revela importante como fonte de denúncia e combate ao preconceito de gênero.

Fora da conjuntura distópica, na contemporaneidade, a luta feminista faz-se presente na busca pelo direito pleno da mulher sobre si e seus processos reprodutivos. Isso torna-se necessário, pois, ainda hoje no Brasil, a lei nº 9.263 do artigo 266 da Constituição Federal de 1988, coloca a esterilização voluntária feminina cabível apenas para mulheres acima de 25 anos ou com dois filhos nascidos e vivos. Sobre isso, nota-se que a mulher ainda não possui domínio integral sobre seu corpo, pois além de ser necessário esperar certa idade para realizar a cirurgia de laqueadura, caso seja casada, deve ter ainda o consentimento de seu cônjuge para realizar o procedimento.

De forma análoga e mais drástica, pode-se tecer a comparação com a realidade distópica de Gilead, no que tange ao controle do processo reprodutivo, pois a mulher se encontra frente a um dilema: ser aia e submeter-se à procriação para terceiros, ou negar o posto e se tornar uma Não-Mulher, sendo enviada às Colônias, para trabalhos pesados, e exposta à radiação, o que, provavelmente, adiantará sua morte. Dessa forma, fica implícita a perspicácia do regime, uma vez que não existia meio termo, e como Offred sabia: “não havia muita escolha, mas havia alguma, e foi isso o que escolhi” (ATWOOD, 2017, p. 115). Naquela situação, tornar-se aia ofertava a oportunidade de tentar manter-se viva, para assim, tentar reencontrar sua família.

Nessa organização social, em que as mulheres são reduzidas a procriadoras, ter um nome próprio não é algo essencial, pois isso significa uma individualização do ser, que é composto por personalidade específica, algo que não traz vantagens para um regime autoritário. Dessa forma, em Gilead, as mulheres são destituídas de suas alcunhas para darem lugar a identificações patronímicas, características do regime. No simpósio que é relatado ao final do livro, o qual ocorre no ano de 2195, os resultados dos estudos gileadeanos, obtidos pelos pesquisadores, expõem que a composição da

identificação das Aias se dava pela junção do prefixo “Of” – preposição “do”, em inglês – ao nome do respectivo Comandante. Assim, o novo nome da personagem principal, que vive na casa do Comandante Fred, torna-se “Offred”, possuindo sentido de posse, pois significa literalmente “do Fred”. Mais uma vez, o contexto patriarcal da mulher, como posse e objeto do homem, é ressaltado.

A história faz-se profética e atual também ao mostrar o processo de ascensão ao poder de um grupo de base religiosa, que com preceitos cristãos extremos, usam de interpretações da Bíblia para impor modificações na estrutura da sociedade. Na contemporaneidade, ainda existem nações que se respaldam sobre linhas teocráticas para reger a política em seus territórios. Como exemplo, tem-se a Arábia Saudita, uma monarquia teocrática, em que o *Alcorão* – livro sagrado para o Islamismo – é válido como constituição do país. Quando as pessoas insultam a famosa obra ou o Islã são acusadas por crime de traição ao regime, podendo ser condenadas à morte. Analogamente, em Gilead, ocorre algo parecido, quando se promove outra fé. Os traidores recebem punições severas, como morte e exposição no Muro.

Um outro país que segue a mesma linha, é o Irã. Após o episódio da Revolução Iraniana, que ocorreu em 1979, os governantes passaram a utilizar preceitos religiosos, que se estendem até hoje, para retirarem das mulheres direitos como o de estudar e se vestir de forma “ocidentalizada”. Ao analisar o vestuário feminino iraniano atual e as peças usadas pelas Aias na distopia, nota-se grande semelhança, pois, em ambos os contextos, o corpo é algo a ser escondido. Atualmente, na República Islâmica do Irã, a lei determina que as mulheres façam uso do *hijab*, tradicional véu islâmico usado para cobrir seus cabelos, além de roupas longas que cubram seus corpos em público, para que assim, se recatem dos olhares masculinos. Na história, os vestidos vermelhos das Aias são uma espécie de uniforme obrigatório, uma vez que essas não devem exibir o corpo, a fim de evitar insinuação sexual.

Outra questão similar entre o livro e esse país, é o fato de que na trama, os Comandantes são a autoridade máxima na casa, deixando às esposas o papel de obedecê-los piamente. Análogo à ficção, para as 40 milhões de mulheres no Irã, a lei reconhece o marido como chefe de família, e a esposa deve obedecê-lo em todos os assuntos, inclusive no que se refere ao emprego, colocando-se em total posição de submissão e dependência.

Durante a narrativa, por meio de *flashbacks*, Offred relata como as mulheres foram rapidamente deslocadas da posição de deter alguma posse. Em um excerto, ela tenta fazer uma compra, mas seu cartão é negado. Logo após, enquanto trabalhava, recebeu a notícia de que seria dispensada de seu serviço, sem uma justificativa plausível. Esse era o prelúdio da nova República, e para conseguirem conter a parcela feminina da sociedade, “congelaram as contas, qualquer conta com um F em vez de M” (ATWOOD, 2017, p. 213). Assim, na totalitária Gilead, “mulheres não podem possuir bens. É uma nova lei” (ATWOOD, 2017, p. 214). Dessa forma, todas as posses femininas são repassadas para seus companheiros ou parentes masculinos mais próximos, assim como ainda ocorre em várias partes do mundo.

Um outro ponto característico do romance e que se assemelha com contextos já ocorridos, é a perda feminina do direito ao conhecimento. Em *O Conto da Aia*, as mulheres são proibidas de ler e escrever, pois essas capacidades intelectuais não agregam para um regime totalitário, devendo elas permanecer em posição submissa e objetificada. O acesso ao conhecimento cria no indivíduo a reflexão sobre a realidade em que se encontra, levando-o a procurar saídas. Por isso, em um governo autoritário como Gilead, não pode haver espaço para mulheres indagadoras, devendo qualquer tipo de material escrito, como livros e revistas, serem queimados. Como ressalta Offred, “houve buscas de casa em casa e fogueiras” (ATWOOD, 2017, p. 189).

Tecendo-se uma comparação literária, nota-se a semelhança do contexto presente nesse excerto com *Fahrenheit 451*, clássico de Ray Bradbury (1953), que traz a queima de livros como forma de concentrar o conhecimento em uma pequena parte da população, dando a específicos indivíduos o poder do saber e de manipular. Já em *O conto da Aia*, apenas os Comandantes desfrutavam de tal benefício, para listar e impor os deveres das mulheres, por vezes, inventados, mas que não ousavam ser contrariados, pois não havia ninguém para fazê-lo. Offred afirma: “eu sabia que este último eles tinham inventado, sabia que estava errado, e que tinham excluído partes também, mas não havia nenhuma maneira de verificar.” (ATWOOD, 2017, p.109).

A condição feminina, nessa distopia, abrange o silenciamento de todas as mulheres, seja pela retirada do conhecimento ou pela perda da voz. Assim, na hierarquia de Gilead, mesmo as mulheres de azul – cor predominante das vestimentas das Esposas – que estão em uma categoria considerada superior, ainda não possuem o direito a

opinar sobre o funcionamento da república. Vemos isso bem representado na narração de Offred, quando nos apresenta Serena Joy. Casada com o Comandante Fred, antes do regime, ela apoiava a instauração do novo governo, propondo a volta aos valores tradicionais. Mas, inserida na realidade feminina de Gilead, ela perde o direito de se manifestar e opinar, ficando às margens do silenciamento.

Essa condição, retratada no romance de Atwood, também é vista na literatura recente, como no caso de *Vox*, da autora estadunidense Christina Dalcher. A narrativa, também distópica, retrata um regime totalitário que ocorre nos Estados Unidos e que retira o poder e autonomia das mulheres, proibindo-as de trabalhar e estudar e condenando-as apenas a cuidar do lar e de sua família. Só lhes é permitido falar 100 palavras por dia, sendo desprezado o seu intelecto para a ciência e o trabalho. Como se percebe, esse romance, lançado em 2017, se inter-relaciona bem com *O Conto da Aia*, de 1985, pois ambos possuem um cenário contextualizado sobre a perda da voz feminina em uma sociedade machista e autoritária.

Além disso, é importante relacionar tal fato a um episódio contemporâneo, ocorrido com Malala Yousafzai, ativista paquistanesa que, ao se engajar na luta para adquirir educação, sofreu um atentado, levando um tiro na cabeça. No Paquistão, a oferta desse direito à população feminina é precária e constantemente negada, retratando a privação das mulheres sobre o conhecimento. Entretanto, Malala sobreviveu e continuou empenhada em sua causa. Em 2020, concluiu com êxito o curso de Filosofia, Política e Economia, em Oxford, e com sua história de superação e resistência ao poder autoritário, tornou-se um ícone representativo dessa batalha, ao ganhar o Prêmio Nobel da Paz em 2014, deixando como legado a importância da luta pela educação e servindo de inspiração às mulheres, mostrando que existem saídas para que elas consigam escapar de governos opressores e conquistem sua autonomia.

Tal cenário autoritário, tão bem retratado na obra de Atwood, é ainda fortemente evidenciado na adaptação televisiva de *O Conto da Aia*, que não deixa nada a desejar sobre o tema, tratando-o de forma realista e atual. A primeira temporada estreou em 2017, mantendo várias cenas fiéis ao livro, mas com toques contemporâneos, como o uso de celulares em algumas cenas, por exemplo, utensílio que ainda era impensável na escrita da história original, no livro de 1985. Além disso, os roteiristas criaram outras relações com temas feministas, de grande relevância na atualidade. Assim, surgem

algumas cenas ampliadas ou recriadas, com novos personagens e novas tramas. Essa tendência se torna ainda mais marcante nas duas temporadas seguintes, lançadas, respectivamente, em 2018 e 2019. Mas, apesar das várias tramas paralelas criadas ou recontadas, a série não perde a essência do livro, coadunando bem com o eixo central da narrativa literária, focando na perda dos direitos femininos na República de Gilead.

Como exemplo disso, temos a recriação e ampliação da história da personagem Emily, conhecida no romance apenas como a primeira aia nomeada como Ofglen, companheira de Offred nas caminhadas às compras, que, ao final da trama, se suicida, para que não seja pega pelos olhos do regime, uma vez que fazia parte de um grupo de resistência contra o governo. Temos somente essa informação sobre ela na narrativa, desconhecendo dados de sua vida pessoal, inclusive seu nome verdadeiro. Já na série, vemos o desenrolar da história de Emily, dentro da nova república, após ter sido arrancada de seu trabalho como professora de biologia, para se tornar aia.

Durante o desenvolvimento dos fatos, somos levados a perceber que Emily é uma “traidora de gênero”, termo utilizado para designar as pessoas homossexuais. Ao ser descoberta em um caso amoroso com uma Martha, ela é forçada a ver sua companheira ser executada em um enforcamento. Emily, no entanto, consegue se livrar dessa condenação, por ser uma mulher fértil, o que tornaria sua perda irreparável para o regime. Em seguida, acorda em um leito de hospital e percebe que sofreu uma cirurgia na região pubiana. Logo após, tia Lydia entra e lhe diz que “as coisas serão mais fáceis agora”, uma vez que a jovem “não vai querer o que não pode ter”. (HULU, 2017, S1E3).

A personagem, então, passou pelo brutal processo de circuncisão, procedimento que consiste na retirada dos órgãos genitais externos femininos, a fim de privar a mulher do prazer sexual. Tal ato ainda é, na contemporaneidade, tradição em alguns países, principalmente os mais conservadores, que impõem a realização da pequena cirurgia, alegando que preserva a virgindade feminina e deixa a mulher mais “casável”. Mas é perceptível, nesse cenário, como a prática desse ritual é de caráter patriarcal, pois visa somente a satisfação masculina, descartando o prazer feminino, ressaltando, mais uma vez, a desigualdade de gênero e a perda do direito ao próprio corpo.

Contudo, no início de maio de 2020, a aprovação de uma lei no Sudão, território com grande número de circuncisões feitas, trouxe alívio sobre essa condição para as

mulheres desse país, que reconheceu a prática como ilegal e passível de pena e multa. Tal lei demonstra, assim, a conscientização de alguns governantes, mesmo que de forma gradual, visto que ainda várias nações, principalmente na África e no Oriente Médio, não possuem regulamentações que assegurem o direito da mulher sobre si mesma.

Na sociedade gileadeana, a perda de direitos femininos ocorre de forma esmagadora. A mulher é tida como sexo frágil, sendo tratada como mero objeto e uma parideira reprodutora. Nesse sentido, é importante observar o título original do livro: *The Handmaid's Tale*. Na tradução para o português europeu, permaneceu como *A História de uma Serva*, ressaltando-se, assim, a condição humilhante vivenciada pela protagonista que relata os fatos, diferentemente da versão brasileira, que trocou “Serva” (tradução literal de “handmaid’s”) por “Aia”. Etimologicamente, de acordo com o dicionário Priberam de Língua Portuguesa, tal termo é uma designação utilizada para dama de companhia, mulher cuja responsabilidade está relacionada com funções de empregada. Desse modo, nota-se a escolha oportuna de tal palavra para a tradução da edição brasileira, uma vez que as mulheres dessa casta, na conjuntura gileadeana, servem de funcionárias para os Comandantes e suas Esposas inférteis, tendo, como único serviço, a procriação.

### **O “sexo frágil” submisso ao patriarcado: imposições e culpabilizações da mulher**

Analisando-se o romance, percebe-se que as implicações do patriarcado são evidentes durante toda a trama. Conforme exposto por Beauvoir (1970), tal contexto se estabelece pois “são os homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada” (BEAUVOIR, 1970, p. 101). Assim, é notório o patriarcalismo presente na obra, pois em Gilead o poder é colocado em mãos masculinas, derivado de uma estrutura teocrática, que coloca a mulher em submissão, sendo o ser que assume a culpa do erro, haja vista o pressuposto de que o homem não erra. Tal conjectura está intrinsecamente ligada aos princípios bíblicos, pois no Antigo Testamento – livro referência para os conceitos gileadeanos – Eva cometeu um erro ao comer a maçã, induzindo, logo após, Adão a errar. Com essa leitura, passagens do livro podem ser interpretadas à luz das vigências patriarcais, que ainda, de alguma maneira, exercem grande representatividade na contemporaneidade.

Na ficção de Atwood, a maternidade imposta é uma das questões principais abordadas, abrindo diversas possibilidades interpretativas. Uma delas é a que não questiona a infertilidade masculina como uma das causas das aias não engravidarem, já que a virilidade do homem não pode ser duvidada, desencadeando-se a transferência da culpa para a mulher. Tal ocorrência é observada quando, em um ato raro de conversa entre Serena Joy e Offred, a Esposa reflete: “Talvez ele não possa”. A aia logo entende a quem ela se refere e relembra um dos princípios aprendidos na nova República: “são só as mulheres que não podem, que permanecem teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas.” (ATWOOD, 2017, p.243). Tal afirmação, desmontada, de certo modo, por Serena, traz certo alívio à Offred, que já estava quase convencida da teoria de que a mulher é o único ser errante, que não cumpre com seu papel determinado para procriação, pois na conjuntura de Gilead, “estéril” tornou-se um adjetivo cabível apenas ao público feminino: “um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (ATWOOD, 2017, p.75).

Assim, os homens de Gilead não são acusados de falhar no processo reprodutivo, mesmo estando submetidos a condições iguais a das mulheres, sendo também expostos à radiação e a doenças. Se, biologicamente, um feto é gerado com a junção das cargas genéticas do pai e da mãe, ambos, então, estão propensos a “fracassar”. Nesse sentido, está imbricado um contexto social patriarcal, haja vista que a responsabilidade de se gerar uma criança está posta somente às aias, sem reconhecer a figura masculina, que igualmente faz parte desse processo.

Essa condição de culpabilização feminina é observada também quando Offred vai a uma consulta com o ginecologista. O médico diz estar tudo bem com a saúde reprodutiva da aia, mas, assim como Serena Joy, insinua que a infertilidade pode estar no Comandante. Em seguida, lhe oferece a possibilidade de fertilização clandestina, em um ato sexual com ele, ali no consultório. A aia recua, surpreendida e com medo, pois caso seja pega em tal atitude, considerada proibida, sofrerá graves punições. Em outro excerto, Serena, desesperada para ter um bebê, propõe à Offred que tenha relações sexuais com o motorista da casa, Nick, no intento de engravidar. Ela, então, acaba sendo convencida por sua patroa, e mesmo sabendo do risco que corre de ser condenada à morte, caso seja descoberta, por cometer um crime de adultério, executa o plano de Joy.

Um outro fato referenciado no romance é a perpetuação do ato brutal do estupro, tido como naturalizado, e que vai além da intitulada “Cerimônia” para a fertilização das aias, passando por culpabilizações das vítimas e se estendendo de forma análoga à vida fora da ficção. No capítulo V do livro há uma passagem na qual Offred narra seus dias no Centro Vermelho, destacando, em especial, o momento do “testemunho”. Tal evento consiste na exposição de “pecados” cometidos pelas mulheres, a fim de que essas aceitem e se redimam de sua suposta culpa, assim como faz Janine, que é obrigada a confessar seu “crime” em relação a um aborto que cometeu no passado, decorrente de um estupro que sofreu. A personagem, então, fornece seu testemunho, enquanto as outras aias a julgam, apontando o dedo e pronunciando, repetidamente, que a culpa foi dela. O trecho torna-se cruel, pois o objetivo do evento é manipular e incitar a ideia de que as mulheres são as únicas culpadas por terem sido estupradas, por serem o veículo da sedução. Além disso, há uma justificativa do regime para a violência sexual sofrida por Janine anteriormente, a de que Deus queria ensinar uma lição para que ela não tivesse uma conduta sedutora perante o sexo oposto.

Vê-se, desse modo, que a discussão trazida por este “testemunho”, na obra de Atwood, ultrapassa as barreiras palpáveis de um livro. Na contemporaneidade, a mulher violentada sexualmente ainda é submetida a julgamentos, advindos da sociedade, que culpabiliza a vítima, sem pensar na atitude do agressor. O mesmo ocorre com Janine, que se vê obrigada a inverter os papéis, saindo da posição de vítima e carregando o peso opressor da culpa, sofrendo julgamentos por parte das demais aias, que são incitadas por Tia Lydia, não deixando como alternativas às servas fazerem algo contrário a isso. Observa-se, assim, o grande poder de influência e doutrinação por parte dessa personagem feminina, dentro do novo Regime. No fragmento abaixo, ela explica às aias, em treinamento, o porquê dos acontecimentos brutais contra as mulheres:

A maneira deplorável e exibida que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer. [...] *Coisas* daquele tipo não acontecem com mulheres bem-educadas. (ATWOOD, 2017, p.69)

Fica evidente, nesse excerto, o enraizamento do pensamento de que o comportamento da mulher é condenável, chamativo para a ocorrência do abuso. Assim, como descrito por Peixoto e Nobre (2015, p. 234) “a admissão dessas hipóteses daria margem ao desenvolvimento do ideário retrógrado e machista de que ‘a mulher deve se dar ao respeito’ quando, na verdade, o respeito deve vir da outra parte”. Observa-se, então, que o preceito da culpabilização feminina, advindo de longas datas, ainda se faz altamente presente na contemporaneidade.

A prática do estupro continua sendo normalizada por vários setores da sociedade, que insistem em lançar uma visão deturpada da figura feminina, colocando-a como provocadora e merecedora de tal ato violento e cruel. Há mulheres, inclusive, que defendem essa ideologia. Estas que deveriam, na verdade, prestar solidariedade às vítimas desse tipo de abuso, as condenam, muitas vezes. E a perpetuação desses pensamentos errôneos deixam sequelas profundas em quem sofre o estupro, assim como foi retratado na obra, em que Janine desenvolve disfunções psicológicas em razão disso.

### **Sobrevivência e resistência dentro de um regime autoritário**

Sobreviver, em Gilead, exige um alto nível de inteligência psicológica, principalmente às aias, uma vez que as imposições feitas pelo novo regime objetivam manipular o comportamento social, fazendo-as tender à obediência. Sobre isso, observa-se o que defende Foucault (2013), em sua obra *Vigiar e Punir*, em que o filósofo destaca as técnicas de aproveitamento dos corpos dóceis, devendo-se empregar a boa utilidade do tempo, o qual “penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 2013, p. 146). É o que fazem as Tias, com as mulheres que chegam ao Centro Vermelho. Ali, elas são controladas pelo poder vigente, até estarem aptas e dóceis para serem encaminhadas aos seus respectivos Comandantes.

O que é repassado para as futuras servas é a obrigação de se acostumarem e se submeterem à nova realidade, pois elas fazem parte da geração de “transição”, e conforme dito por Tia Lydia, “isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será” (ATWOOD, 2017, p. 46). Nesse sentido, a esperança de Offred em recuperar sua filha e criá-la longe desse local, parece ser uma alternativa

distante, pois é salientado no livro que as mulheres que vierem depois, na próxima geração, a qual inclui a filha da protagonista, aceitarão mais facilmente seus deveres, pois não se lembrarão do passado, assim, não irão querer o que não podem ter. Sobre essa conjuntura, faz-se válido citar Beauvoir (1970, p. 22): “que possibilidades nos foram oferecidas, exatamente, e quais nos foram recusadas? Que destino podem esperar nossas irmãs mais jovens e em que sentido convém orientá-las?”. Contudo, sob essa ótica, as respostas não são agradáveis, pois as mulheres, em Gilead, não tem muito poder de escolha, uma vez que o novo regime não apresenta sinais de afrouxamento.

Todavia, nesse cenário inóspito, Offred sempre se lembra: “enquanto isso devo resistir, me manter segura para depois” (ATWOOD, 2017, p. 128). E encontra um primeiro sinal de resistência, escondido no rodapé de seu guarda-roupa, que provavelmente fora deixado pela aia anterior, trazendo a frase “*nolite te bastardes carborundorum*”. Encontrar indícios como esse, num ambiente em que as práticas de leitura e escrita eram proibidas, trazia um fio de esperança à Offred, ainda que ela não conhecesse a língua latina e o significado da frase, indicando, assim, que havia falhas no sistema. Mais adiante, em um dos encontros secretos com o Comandante, ela finalmente desvenda o enigma, uma brincadeira com as palavras em latim, que adquire o sentido de “não deixe que os bastardos esmaguem você” (ATWOOD, 2017, p. 224). Desse modo, Offred percebe que a aia anterior queria deixar uma mensagem de motivação à próxima mulher que ocupasse seu posto, um sentido pelo qual ela pudesse lutar. A frase, desde então, torna-se um mantra à Offred, que a faz lembrar de sua identidade forte, mesmo estando às margens de um sistema que a rebaixa e oprime. Agora, ela pode encontrar uma saída para esse cenário de horror, estratificado pelo autoritarismo, podendo fazer emergir movimentos contrários. Conforme dito por Foucault (2003, p. 232):

[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. Em toda a parte se está em luta.

Offred percebe, então, que há a outra face da moeda, bem à revelia do que é adotado pelo Regime de Gilead. Assim, por meio de sussurros entrecortados, olhares desviados e códigos ditos, ela percebe o movimento de resistência infiltrado na república. Em uma de suas caminhadas cotidianas, Ofglen, sua companheira de compras, faz um comentário sobre o lindo dia de maio que está fazendo. Offred reflete, instantes depois, que o “dia de maio”, *may day*, referenciava, na verdade, um antigo código de sinal radiotelefônico de pedido de ajuda, como explicado por seu marido, numa conversa que ela relembra ter ocorrido dias antes de se instaurar o regime: “É francês, disse ele. De *‘M’aidez’*. Ajudai-me.” (ATWOOD, 2017, p. 56).

Desse modo, Offred descobre o movimento de resistência ao governo, nomeado como *Mayday*, e deseja contribuir com o sistema, da maneira que puder. Tais ações colaborativas, a favor do movimento, ganham maior destaque na adaptação televisiva, em que há várias cenas dela como mensageira, ao tentar coletar informações, e ao guardar relatos de mulheres, que servem como provas incriminatórias contra a nova república. Ela esconde esses documentos atrás da banheira de seu quarto. Um outro ato de resistência, que está presente apenas na série, é visto quando Ofglen rouba um carro e tenta fugir, mesmo sem sucesso.

Nesse viés, funcionava o movimento *Mayday*, de forma clandestina, pois qualquer pessoa que fosse pega agindo contra o novo regime receberia punições severas. Entretanto, isso não impede as mulheres de irem em busca da liberdade, que nesse contexto tenebroso, só é alcançada com a fuga para outros países. Contudo, “barreiras nas estradas começaram a aparecer, e Identipasses” (ATWOOD, 2017, p. 209), os quais barravam a saída de mulheres do território. O movimento migratório de Gilead era, pois, uma saída difícil, programada em segredo por membros da resistência. No decorrer da narrativa, Offred exemplifica isso, relatando as diversas tentativas de escape de sua amiga Moira, o que é mostrado de forma mais clara na adaptação televisiva, a qual apresenta a trajetória dela na fuga e chegada ao Canadá – país que recebe e cuida dos refugiados. Esse fato, embora não seja relatado no romance, é muito bem discutido na série, em especial, na segunda e terceira temporada, focando-se na questão das migrações ilegais, tão recorrentes na contemporaneidade, trazendo a reflexão sobre o que é precisar do apoio de outro país, enquanto há complicações e perseguições no seu próprio lugar de origem.

A migração acaba sendo uma motivação de esperança para diversas aias. Entretanto Offred, ao final do romance, agoniza, na terrível espera de seu “fim”, pois teme ter sido delatada por sua companheira de compras, Ofglen, por se envolver com o *Mayday*. Acompanhamos, assim, a ansiedade da protagonista, ao olhar pela janela. Quando avista a caminhonete preta, chegando para apanhá-la, é surpreendida por Nick, que pede para ela ir em frente, pois os homens que a levarão são agentes do *Mayday*. Offred, então, embarca, sem ter certeza do que está acontecendo. E reflete: “Assim eu entro. Embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz” (ATWOOD, 2017, p. 347). E, desse modo, ela encerra o seu relato, não se sabendo ao certo o seu paradeiro. Todavia, esse final em aberto, acabou inspirando os roteiristas da série a investirem em novas temporadas, nas quais Offred persiste na luta por sobrevivência em Gilead, se aventurando ainda mais pela resistência, sendo sua história recontada sob outros vieses, que não são retratados no livro.

Um exemplo disso, é o grande marco de resistência, observado no último episódio da primeira temporada da série, uma releitura ampliada do capítulo 42 do romance, que ajuda a compreender a transição entre a primeira e a segunda temporada televisiva, por meio das cenas de apedrejamento de uma das aias, que está prostrada no centro de um círculo, como punição por ter colocado uma criança em risco (Hulu, 2017, S01E10). Quando Tia Lydia ordena que as mulheres apedrejem Janine, Ofglen se opõe, sendo logo após golpeada e silenciada por um guarda. Offred também vai contra a ordem, colocando-se frente a frente com a Tia e deixando a pedra cair, enquanto diz: “sinto muito, Tia Lydia”. Seguindo uma reação em cadeia, todas as outras aias soltam as pedras, em um claro sinal de resistência contra o regime e suas leis.

Nessa passagem, faz-se presente a sororidade, definida por Leal (2018, p. 9) como um sentimento “capaz de superar outros como o ódio, a inveja e o ciúme e mobilizar ainda a amizade, a solidariedade e a indignação das mulheres frente ao patriarcado”. Desta forma, o ato das aias retrata a união de mulheres para um bem comum, em que uma conta com a ajuda da outra, para que juntas, sigam o mesmo objetivo, sempre em união contra o que as oprime, ainda que ao final tenham que arcar com as consequências de suas ações, sendo severamente punidas, conforme é exposto no primeiro episódio da segunda temporada (Hulu, 2018, S02E1), sendo Offred

poupada do castigo, por estar grávida. A personagem, desde então, parece se fortalecer ainda mais, deixando seus medos de lado.

Acreditar em um futuro mais próspero, em que as mulheres retomem seus direitos e consigam reencontrar suas famílias, torna-se um mantra para as aias, principalmente para Offred, que se vale de tal princípio a fim de evitar cair na rede de pensamentos ruins que tentam tomar conta de sua mente. Ela relata que “quando se está em condições de vida reduzidas, você tem que acreditar em todo tipo de coisas” (ATWOOD, 2017, p. 127). E ressalta como a sanidade dentro do regime é um bem valioso, que ela economiza, “de maneira a vir a ter o suficiente quando chegar a hora” (ATWOOD, 2017, p. 133). Fica explícito, então, no decorrer dos fatos, a esperança que a aia tem de que a vida dela e das demais companheiras volte ao normal, de forma que as próximas gerações tenham uma vida com condições melhores.

Assim, esse artifício usado por ela, além de trazer esperança sobre cenários melhores, a ajuda a se manter sã e a não pensar em escapatórias radicais, motivadas por uma depressão, como tentar um suicídio, haja vista que em seus pensamentos, ela precisa sobreviver para encontrar a filha e o marido, embora nem sempre ela consiga se livrar dessas tentações. Na terceira temporada da série, percebe-se bem isso. Offred, em dado momento, vai perdendo as forças e a fé em dias melhores, mergulhando num terrível estado mental, quase se entregando e chegando ao fundo do poço. Mas, depois de ouvir os duros conselhos de Janine, que a chama de egoísta e cruel, e de conversar com um médico, que a aconselha e reconforta, ela consegue voltar ao seu equilíbrio normal e se reerguer, ficando ainda mais fortalecida. Decide, então, criar um plano para libertar diversas crianças de Gilead, com a ajuda das Marthas e das aias, o qual conclui com êxito, embora seja gravemente ferida, no último episódio da respectiva temporada, em mais um belo exemplo de coragem e sororidade feminina.

### **Representatividade histórica e social de um romance distópico**

O poder dos escritores, ao preverem, em seus livros de ficção, fatos que se evidenciarão bem à frente do tempo é o que torna agradável e motivacional a leitura dos romances distópicos, como *O conto da aia*, haja vista que a história original foi escrita

na década de 1980, mas permanece muito atual, com caráter atemporal, exercendo grande significação e reflexão sobre o passado e deixando preocupante a possibilidade de vivenciarmos um cenário semelhante num futuro muito próximo. Por isso, o livro obteve grande êxito, vindo à tona sua discussão por meio da série televisiva de mesmo nome, que estreou em 2017, e que foi amplamente aclamada pelo público. A adaptação televisiva obteve tanto sucesso que já está indo para a sua quarta temporada, prevista para estrear em 2021. A perda dos direitos femininos em Gilead, retirados pela imposição de um Estado fundamentalista cristão e totalitário, é o eixo central da trama, que também foi muito bem explorado na série, ainda que caminhando por outros vieses e por novas histórias relatadas. O silenciamento da figura feminina, no contexto gileadeano, é a base para que os idealizadores do novo governo se aproveitem dos atributos biológicos da mulher, descartando a capacidade intelectual delas, sua autonomia e independência.

Tal contexto é fortemente salientado no último capítulo do livro, intitulado “Notas históricas sobre o conto da aia”. Diferente dos outros, esse possui diferentes narrações, pois trata-se de um simpósio, realizado em 2195, para discussão dos arquivos dos séculos XX e XXI, dos quais fazem parte as narrações de Offred, encontradas em um sítio arqueológico, em formato original de fitas, que foram transcritas, analisadas e publicadas pelo professor Pieixoto. Com esse capítulo, fica esclarecido, então, como a história de Offred chegou ao mundo, mas observa-se que foi por intermédio masculino.

Um ponto debatido, no decorrer do simpósio, são os problemas de autenticação do arquivo, em que são levantadas dúvidas sobre a veracidade do que é narrado. Isso mostra como a voz feminina, mesmo depois de transcorridos dois séculos, ainda continua sendo questionada, não competindo por igual com a fala masculina que, muitas vezes, é tomada como título de verdade incontestável pela sociedade.

### **Considerações finais**

Com *O Conto da Aia*, Margaret Atwood nos mostra a similaridade, muitas vezes cruel, entre ficção e realidade, transpassando as barreiras de um livro. Atemporal como é, a obra torna-se uma exposição dos resultados da ação humana, quando feita sob um regime que retira os direitos básicos do indivíduo, em prol de ideologias. Assim como

exposto nesta análise, esse romance exerce enorme representatividade sobre as mazelas atuais, fazendo analogias, no decorrer da trama, sobre a influência das ações humanas, que culminam num futuro tenebroso e avassalador.

Nesse viés, a história e a sociedade se inter-relacionam, mostrando episódios brutais, culminados por ações que excluem a democracia e os direitos da realidade social. Assim, os resultados obtidos neste estudo revelam o poder da literatura distópica, ao representar realidades passadas e contemporâneas, por meio de suas indagações especulativas, que deixam explícito para o leitor que a conjuntura opressora, a qual anula minorias, pode facilmente vir à tona, enquanto houver indícios autoritários e um poder estabelecido, não para os cidadãos, mas para os próprios idealizadores do regime.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD. Margaret Eleanor. **O Conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR. Simone de. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Millet. Difusão Europeia do livro. 4º edição. 1970.

BRASIL. Lei 9263/1996. [planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm), Brasília, 12 de janeiro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19263.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm) Acesso em: 21/07/20.

BRASIL. **The Handmaid's Tale**. The Handmaid's Tale | Margaret Atwood fala sobre inspirações da vida real. 1 vídeo (45 segundos), 2 de março, 2019. Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=4s4MMnjzUes> Acesso em: 21/07/20.

CANDIDO. Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, v. 24, p. 803-809, 24 set. 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estratégia poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003 (Ditos e Escritos 4).

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 6, n.11, pp. 39-53, 2014.

HULU. **The Handmaid's Tale**. Primeira temporada, 2017.

\_\_\_\_\_. **The Handmaid's Tale**. Segunda temporada, 2018.

\_\_\_\_\_. **The Handmaid's Tale**. Terceira temporada, 2019.

LEAL, Tatiane. **A ética da sororidade: sentimentos morais, gênero e mídia**. Trabalho apresentado na Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

LINS, Gabriella Patricia dos Santos. **Distopias de gênero em contos especulativos de Margaret Atwood e Raphael Carter**. 2016. 83 f. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. **Revista Folha de São Paulo**. Edição 37, Maio, 2009.

PEIXOTO, A. F.; NOBRE, B. P. R. A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Revista Transgressões*, v. 3, n. 1, p. 227-239, 27 maio 2015.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: abordagem da identidade nacional. In: \_\_\_\_\_; LEENHARDT, Jacques (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

PRIBERAM, Dicionário. Pesquisa de significado: aia. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/aia> Acesso em: 05/06/2020.